



CURADORIA de
CONHECIMENTO e
SUBJETIVIDADE
dos **PROFESSORES:**

DIRETRIZES para
FORMAÇÃO de
PROFESSORES para uma
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA
e **TECNOLÓGICA**
HUMANIZADORA

FERNANDO ROBERTO AMORIM SOUZA
NURIA PONS VILARDELL CAMAS
MARISTELA ROSSATO

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO
CIENTÍFICA EDUCACIONAL E TECNOLÓGICA | PPGFCET

FERNANDO ROBERTO AMORIM SOUZA
NURIA PONS VILARDELL CAMAS
MARISTELA ROSSATO

CURADORIA DE CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE DOS PROFESSORES:
DIRETRIZES PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA EDUCAÇÃO
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA HUMANIZADORA

CURITIBA
2023



4.0 Internacional

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Apresentação

Desde muito tempo as formações para professores, notadamente para a Educação Científica e Tecnológica, têm sido central na discussão, sendo chamadas por muitos estudiosos¹ por crise no Ensino de Ciências, o que vem se arrastando até os dias atuais. Porém, com o advento da internet, que inaugurou um momento permeado pela Cultura Digital, o problema se agravou². Com o fluxo infinito de informações que circulam pelas redes, a alfabetização científica tem se tornado um processo cada vez mais difícil. Percebemos claramente essa situação com o aumento das desinformações, quando teses não científicas ganham cada vez mais seguidores, o que compromete a natureza da educação científica, das democracias e conseqüentemente da própria humanidade.

O declínio intelectual e os absurdos humanos ficam cada dia mais evidentes, a solidariedade se dissolve com o calor da competitividade, a gratidão e o respeito estão sendo ocupados pela concorrência e agressões gratuitas, a ética reduzida aos dogmas religiosos. É um verdadeiro substrato para incubar massas raivosas que seguem ideias difusas e sem direção. Com certeza não temos a fórmula mágica para resolver esses problemas, mas inevitavelmente precisamos questionar: onde é que a educação está errada? Se tem algum começo, podemos dizer que as formações para professores são o ponto de partida para jogar luz a essa questão.

Desenvolvemos nos últimos quatro anos uma pesquisa que incluiu a formação de professores por três meses. Percorremos a complexa trilha para formação de um grupo de professores da Educação Básica de uma instituição de ensino técnico e tecnológico, utilizando a curadoria de conhecimento como epistemologia e metodologia. O objetivo não era “ensinar” a usar a curadoria no processo pedagógico, mas observar como o procedimento utilizado na formação seria capaz de promover mudanças subjetivas do professor em relação à sua compreensão sobre um tema específico (no caso utilizamos o currículo, notadamente da Educação Científica e Tecnológica). Buscamos compreender como a curadoria de conhecimento poderia contribuir e promover o pensar sobre o pensar dos professores, fazendo o professor tornar-se um sujeito reflexivo³ de si e de suas ações de maneira inovadora, criativa e integrada, sem o recorte disciplinar.

A formação na qual envolvemos o grupo de professores foi além do que comumente acontece nas formações tradicionais, focadas no que ensinar e como ensinar ou processos didático-metodológicos⁴, que reduzem a capacidade criativa dos professores e focam em apresentar infinitos e risíveis métodos de ensino, alguns até chamados de ativos (como se os outros fossem inativos ou passivos).

Pulamos esse muro e passamos a reconhecer o professor na sua ontologia como sujeito ativo de um processo não dissociado da sua própria história e da cultura. Assim, partimos da Teoria da Subjetividade⁵, para buscar compreender e identificar as mudanças subjetivas na constituição do professor e, conseqüentemente, das implicações pedagógicas a partir de uma formação diferenciada.

Não estamos apresentando mais um processo metodológico. O que trazemos é uma ruptura das engenharias exatas de formações docentes limitadas em algo simplista e que busca explicação de fenômenos complexos no improvável fato de causa e efeito. Buscamos um novo olhar a essas formações como parte do multifacetado problema educacional, a fim de trazer o professor para o centro dessa discussão complexa, onde ele possa expressar a sua singularidade, como sujeito que cria cultura.

A incerteza é a única certeza que temos dos sistemas organizados, mas organizados simultaneamente na complexidade da ordem, desordem e acaso, sem possibilidade de fragmentação (MORIN, 1994).

Os autores da Teoria da Subjetividade⁵ chamam a nossa atenção para se reconhecer a aprendizagem dos professores como um processo que está imbricado com sua própria história de vida e que não está contemplado nos programas de formação tradicionais fortemente centrados nos conteúdos, encapsulados em disciplinas escolares. Os conteúdos escolares são importantes, mas precisam ser trabalhados como meio de produção subjetivos, a fim de possibilitar a configuração ou reconfiguração do sistema subjetivo, seja ele individual ou social.

Assim, ao apontar novas diretrizes para a formação de professores, notadamente para a Educação Científica e Tecnológica, subvertemos a lógica de formações deterministas enfatizadas na racionalidade técnica. Buscamos na Teoria da Subjetividade um novo caminho para a formação docente, que não identifica as incertezas como princípio fundamental da criatividade humana.

Apresentamos diretrizes para a formação docente com novos fundamentos, dialógica e dialética, em oposição às formações tradicionais lineares, simplistas, objetivistas e reproducionistas, com perspectiva de mobilização subjetiva dos professores quando submetidos a uma experiência de formação influenciada pela curadoria de conhecimento, na qual enfatizamos a **incerteza** como processo autoorganizador que nos conduz à transcendência como indivíduos influenciáveis, mas não predeterminados. A incerteza como parte da nossa relação singular com a realidade.

Esperamos que esse material possa contribuir para a subversão do paradigma da formação docente hegemônica e reconhecer o professor como sujeito que produz cultura e gera subjetividade.

Moraes (2015) se ampara na Teoria da Complexidade de Morin para dizer que a ação humana é fundamentada na ontologia complexa, pois depende de muitas relações interligadas e imprevisíveis. A natureza da matéria não é uma ciência exata, tudo é incerto na vida, nenhum campo científico é capaz de garantir, avaliar ou mediar a imprevisibilidade fundamental da matéria e da vida.)

Para entender um pouco mais

Todo professor age segundo o que ele estruturou para si na interseccionalidade com as referências simbólicas presentes na cultura, especialmente da escola, suas crenças, suas expectativas, seus valores, suas ideias, suas representações etc. Pela interação complexa desses fatores e pelo que o professor produz subjetivamente ao vivenciar sua atual condição, vão se constituindo configurações subjetivas. Ao ser submetido à experiência de uma formação docente, ele gera sentidos subjetivos, que são unidades simbólico-emocionais. Essa experiência pode confrontar suas atuais configurações subjetivas. Assim, a mudança subjetiva do professor em um processo de formação ocorre por meio da interação com novas produções simbólicas, geração de sentidos subjetivos e reconfiguração ou produção de novas configurações subjetivas. Este é um processo dinâmico e contínuo, influenciado por múltiplos fatores e experiências ao longo da jornada de formação do professor, cujo resultado objetivo pode se perceber pelas formas de agir e de se relacionar no contexto da ação pedagógica⁶.



Fonte: Charge de José Bandeira, publicado no *Diário de Notícias*, Portugal, 9 set. 2018.

Para você entender um pouco sobre a subjetividade, na perspectiva cultural-histórica

É importante relembrar que no decorrer dos anos, a lógica positivista influenciou os vários campos do saber, com sua concepção linear e metrificacão dos processos universais. A Ciência, portanto, seria resultado dos estudos empíricos, sem perder de vista a objetividade. Então, a subjetividade foi excluída da possibilidade de influenciar a construção da Ciência e deveria ser um campo a ser explorado exclusivamente pela Filosofia.

Quando a Psicologia passou a estudar a subjetividade como fenômeno de constituição dos indivíduos, ela ganhou conotação objetiva, como se fosse um fenômeno intrapsíquico que se aloja internamente nos indivíduos, separando-o do ambiente ao seu redor. Esse modo de pensar nos ensinou que a ação humana é o resultado de um processo linear desencadeado a partir de uma reação que despreza toda uma cadeia complexa. Aprendemos a entender o passado, presente e futuro como uma linha reta, numa sequência lógica determinista: o presente surge do passado e molda o futuro de maneira direta e simples.

A compreensão de subjetividade que abordaremos desafia essa visão simplificada. Embasamo-nos na Teoria da Subjetividade, na perspectiva cultural-histórica. Embora não seja um conceito de fácil compreensão, discutiremos isso no contexto da formação docente. Porém, antes de tudo, tenha em mente: somos o resultado do que

produzimos subjetivamente nas ações e relações que experienciamos, com os sentidos subjetivos que produzimos sobre elas no decorrer de nossa trajetória histórica.

Pois bem! Na nossa vivência, por meio das interações nos diferentes contextos socioculturais, fazemos emergir produções simbólicas. Quando mobilizamos emoções sobre essas produções simbólicas, geramos o que na Teoria da Subjetividade vamos chamar de **sentido subjetivo**. Digamos, por analogia, que seja um átomo de subjetividade, mas o nome correto, segundo o autor da teoria, é: unidade simbólico-emocional. Todas as experiências vividas no decorrer da nossa história geram complexas e infinitas unidades simbólico-emocionais.

Para compreender esse processo de geração de unidades simbólico-emocionais é importante, antes de tudo, ter clareza desse processo. Vamos pegar o exemplo de uma rosa (a flor), que pode ser vista por muitos apenas como uma flor bonita. No entanto, para outras pessoas, pode ser a representação do amor; já para outras pode trazer lembranças de um ente querido ou um momento especial. Então, mesmo que a rosa seja conhecida por todos como uma flor, ela pode evocar diferentes emoções de maneira distinta para cada uma das pessoas.

O significado e o sentido subjetivo sobre algo são coisas distintas. Numa formação para professores, o que o formador disser pode até ter significado, do ponto de vista social, mas, para mobilizar a subjetividade, é preciso que essa formação represente emocionalmente algo para você. O autor da teoria⁷ diz que o pensamento não é apenas saber algo, mas o que esse algo realmente representa para nós. Por isso, é importante entender o que as pessoas realmente sentem e pensam sobre as coisas. Levar o professor a se conectar com suas representações simbólicas e suas emoções no processo formativo mobiliza a produção de sentidos subjetivos. Por sua vez, o imbricamento desses sentidos subjetivos vai gerando **configurações subjetivas** que representam o conjunto de sentidos subjetivos em torno de algo ou de uma experiência. Essa dinâmica configuracional nos faz perceber, sentir e pensar sobre o mundo ao redor e isso tem relação com o que somos, como agimos e como nos relacionamos nos contextos onde estamos inseridos.

Muitas dessas configurações subjetivas nos impulsionam ou nos detêm a fazer algo, não são deterministas, mas nos guiam. É importante considerar que uma configuração subjetiva é o resultado de multideterminadas situações que envolvem os interesses, as emoções, os contextos sociais daquele momento, as necessidades etc. Quantas coisas você deixou de fazer porque tinha uma crença de que não poderia fazer? Mas com o passar do tempo, você a abandonou e acabou por fazer o que antes achava que não

poderia. Pois é! Quer dizer que você reconfigurou subjetivamente os sentidos subjetivos relacionados àquela crença, ou seja, a sua **subjetividade individual**.

Bem! Como dissemos, vivemos imersos numa cultura, na qual há normas, crenças, valores, etc. Isso quer dizer que estamos imersos numa **subjetividade social**, mas como todo espaço é frequentado por diferentes pessoas, quer dizer que cada espaço tem sua subjetividade social. Por exemplo, o espaço da sua casa, os valores e as crenças que predominam por lá podem ser diferentes de outros espaços que você frequenta, inclusive pode haver conflito com alguma dessas normas ou crenças. Certamente na escola que você está há determinações que você não concorda, possivelmente porque configurou subjetividade de outro espaço social, como a igreja, por exemplo. Esses constantes conflitos entre nossa subjetividade individual e a subjetividade social também geram novos sentidos subjetivos e conseqüentemente novas configurações subjetivas, o que promove em nós mudanças e desenvolvimento subjetivo.

É bem provável que durante sua formação para professor, na licenciatura, você tenha construído alguma compreensão que ainda utiliza em sala de aula e considera correta. Mesmo que alguém diga o contrário para você, a sua visão se mantém, indicando forte conexão emocional com sua crença. Pode ter acontecido que durante alguma aula na sua graduação, um professor apresentou algo (um conteúdo ou uma técnica) que mobilizou você emocionalmente e isso desencadeou uma produção de sentidos subjetivos sobre esse algo e, por isso, essa experiência ainda está presente em sua ação docente. É uma construção singular, pois muito provavelmente seus colegas não perceberam assim.

É bem possível que na sua formação tenha havido um colega que em dado momento conversou contigo:

– Não entendi nada daquela explicação.

E você interpela:

– Como assim? Estava muito fácil, eu compreendi tudo.

Isso demonstra claramente que se você aprendeu facilmente, foi porque sua experiência e interações no decorrer da formação mobilizaram a produção de sentidos subjetivos, e de maneira complexa, ligam-se com outros sentidos subjetivos configurados, coisa que não deve ter acontecido com o colega. Por isso que a aprendizagem é bem complexa, para uns é tão fácil e para outros nem tanto. É um processo singular e sempre estará relacionado às produções subjetivas geradas nas experiências vividas.

O que é essa subjetividade? Talvez, de modo mais descomplicado, o autor diz⁸:

- Somos o produto da nossa subjetividade em que nossas próprias ações são fontes incessantes de subjetivação e vão constituindo os processos de sentido e significação da nossa subjetividade.
- A subjetividade é uma construção de como cada pessoa sente, pensa e vive as coisas, embasada em suas próprias experiências e na cultura em que está inserida. É algo único para cada um e é gerada pela interação das experiências vividas naquele momento, mas também pelo que vivemos no passado e pelas criações simbólicas sobre o futuro.

Exemplo: Imagine duas pessoas assistindo ao mesmo filme. Uma delas cresceu na cidade e a outra no campo. O filme mostra a vida agitada da cidade grande. A pessoa que cresceu na cidade pode se identificar e sentir nostalgia, lembrando de sua juventude. Já a pessoa do campo pode se sentir ansiosa e achar tudo muito caótico. Ambas assistiram ao mesmo filme, mas suas subjetividades, produzidas nas referências das suas histórias e culturas, fizeram com que sentissem e interpretassem o mesmo filme de maneiras diferentes.

Há outras categorias que compõem a Teoria da Subjetividade, mas vamos ficar com essas: sentidos subjetivos, configurações subjetivas, subjetividade individual e subjetividade social. Se você compreendeu bem, vai ficar tudo mais fácil daqui para frente, se não compreendeu, antes de avançar, aconselhamos acessar **outros materiais**.

Você pode acessar diversos vídeos e textos no *site* do autor: <https://fernandogonzalezrey.com/>

Vamos agora ver o que acontece quando mudamos subjetivamente, no caso aqui, quando promovemos uma mudança subjetiva em relação à docência.

O que pode significar a mudança subjetiva do professor?

Quando você vivencia determinada situação, a sua ação e interação nessa situação produz sentidos subjetivos. No contexto da formação docente, o professor que vivencia uma experiência formativa e, a partir dela, produz novas configurações subjetivas, poderá ter essa experiência manifestada em sua ação pedagógica, não como um reflexo direto, mas como uma expressão da complexidade de sua subjetividade

Quando há mudança subjetiva no professor, ela pode se manifestar de diversas formas, entre as quais⁹:

- Adquire novas ideias sobre como as pessoas aprendem, o que inevitavelmente gera mudança em sua forma de ensinar.
- Adota diferentes perspectivas sobre como a teoria e a prática se relacionam.
- Desenvolve novos interesses para transcender profissionalmente.
- Toma coragem para confrontar situações inéditas, complicadas e desafiadoras.
- Expande o campo de interesse.
- Reposiciona-se sobre si mesmo e sobre suas atuações enquanto professor.
- Mostra capacidade para assumir novas posições e relações perante a escola, os colegas e outros envolvidos no espaço social institucional.

Pensar uma formação docente que desloque o professor para o centro da discussão em vez de privilegiar os conteúdos e métodos é reconhecer sua capacidade de criar cultura, de gerar novos sentidos subjetivos, de perceber o seu lugar e o desenvolvimento constitutivo. Isso permitirá abrir novos horizontes sobre o processo ensino e aprendizagem e melhorará suas relações na escola, uma vez que passará a compreender a complexidade que permeia sua profissão e a sua vida.

Para melhorar a formação dos professores, é preciso superar a lógica linear e sequencial e fazer dela uma **unidade epocal**, local onde o passado, o presente e o futuro se encontram num só espaço-tempo e coexistem sem nenhuma distância entre si. Dentro dessa formação, enquanto unidade epocal, o professor pode singularmente sentir, fantasiar, criar, emocionar-se num processo dialógico, dialético, plural e auto-transformador, pois é na crítica e autocrítica, do resultado qualitativo das confrontações das ideias, que pode haver sentidos subjetivos promotores de mudanças de si e do espaço onde atua.

“A “unidade epocal” é um conceito que Paulo Freire utiliza em sua obra para se referir à compreensão de um momento histórico específico, considerando as condições sociais, políticas, econômicas e culturais que o definem. Para Freire (2021), entender a unidade epocal significa compreender as dinâmicas de opressão e resistência em um determinado contexto e, assim, desenvolver estratégias pedagógicas eficazes para a conscientização e emancipação dos indivíduos. A lógica linear tende a ver os processos como sequências de causas e efeitos, onde um evento leva ao próximo de maneira previsível. A ideia de unidade epocal sugere que devemos entender os fenômenos em sua totalidade, considerando todas as suas inter-relações e contradições, pois a realidade é dinâmica e cheia de contradições. As forças sociais, políticas, econômicas e culturais estão em constante interação e tensão, não são fenômenos isolados, muito pelo contrário, estão interconectadas e se refletem as contradições do presente.

Um pouco sobre o processo de ensino e aprendizagem na educação científica e tecnológica

Para Paulo Freire (2021), a “práxis” é a fusão da ação com reflexão. É um processo indissociável e cíclico no qual ação e reflexão estão intrinsecamente conectadas, e por meio desse processo os indivíduos podem alcançar uma compreensão mais profunda e crítica de sua realidade e, ao mesmo tempo, agir para transformá-la.

Na educação é muito comum ouvir falar em “**práxis**” como sinônimo do resultado da ação docente. Entretanto, essa palavra é uma mistura indissociável de ação e reflexão de maneira recursiva, ou seja, não se sabe quando se é a ação que nos faz refletir ou o inverso, será sempre o agora, uma unidade epocal em relação ao fazer pedagógico em direção à visão de mundo crítica e esperançosa ou de **pensar certo**.

De compreender um mundo em que minha consciência depende da sua e a sua da minha, mas não apenas de modo racionalista. Falo de uma consciência de mundo que não separa a racionalidade das emoções, dos desejos, da fantasia etc. Precisamos transformar a escola em um lugar prazeroso e não hostil para a aprendizagem¹⁰, para que ela possa ascender a esperança de um futuro emancipador.

O que queremos dizer com isso? Primeiro chamar a atenção que não é papel da escola a simples difusão do conhecimento produzido na academia. É papel da escola transformar o conhecimento científico em situações que promovam a melhoria das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade. A sala de aula não é lugar para se dissecar textos acadêmicos. Numa formação para professores, notadamente da Educação Básica, quando dissecamos textos acadêmicos sob o pretexto de levar à reflexão, fatalmente aquele professor que sai dessa formação reproduzirá essa prática na sala de aula. É tudo que não queremos... professores reprodutores. Queremos professores produtores de ideias, de sentidos...

É preciso reverter a lógica. Ao utilizar textos acadêmicos com o objetivo de instigar a produção de sentidos subjetivos, é fundamental entender o que esperamos mobilizar no professor. O texto pode ser provocativo e cativante, e o professor pode se surpreender, pensando: "Que interessante isso! Nunca tinha visto por esse ângulo!". No entanto, se ele não se conectar emocionalmente com o conteúdo e não encontrar seu próprio lugar nas experiências e vivências sugeridas pelo texto, será apenas mais uma leitura.

Na perspectiva que trazemos para uma formação como geradora de sentidos subjetivos, a reflexão nunca deve ser sobre algo como se fosse paralelo, mas sobre si. É uma reflexão sobre o sentir; é sobre o pensar: por que estou pensando desta forma? Por que estou pensando desse jeito? De onde eu construí essa ideia?

Segundo Freire (2021), pensar certo é o pensar crítico sobre o futuro, considerando as condições e relações históricas, pois se assim não o for, trata-se da desumanização. Ao contrário do pensar certo, temos o pensar ingênuo ou antidialético.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Não se trata de: eu faço desse jeito e agora vou fazer diferente. É preciso tensionar: por que eu faço desse jeito? O que me levou a fazer desse jeito? Por que eu deveria mudar?

Nesse sentido, a Curadoria de Conhecimento vem ajudar no delineamento de uma formação para professores em uma concepção mais aberta, flexível, completamente fora da rigidez e do entendimento de que ensinar não é transmitir, e aprender não é reter, jogar para dentro. Nesse processo de ensino e aprendizagem, é preciso estabelecer condições de criticidade, dialogicidade (consigo, com o outro e com o mundo), criatividade, razão e emoção. Para tanto, é preciso provocar no professor, no momento da formação, o tensionamento das suas próprias ideias, da ação-reflexão, da teoria-prática e visão do que é realidade. É preciso dar condições para o dialético e o desenvolvimento da curiosidade **epistemológica**.

Paulo Freire (2021) refere a curiosidade epistemológica à disposição inata de o ser humano para conhecer, aprender e questionar o mundo ao seu redor. Essa curiosidade é fundamental para o processo de conhecimento e aprendizado. Essa curiosidade é uma característica essencial do ser humano, que o leva a explorar, questionar e entender sua realidade. No entanto, ele argumenta que essa curiosidade pode ser inibida ou distorcida por sistemas educacionais e sociais que não valorizam o pensamento crítico ou que procuram impor uma visão particular da realidade. Portanto, a curiosidade epistemológica é o caminho para a emancipação que questiona e desafia o *status quo*, pois as pessoas podem começar a ver as estruturas de poder e opressão em sua sociedade e trabalhar para transformá-las.

Mas, afinal, o que é curadoria de conhecimento?

A curadoria de conhecimento reflete um processo profundo e significativo que transcende a mera coleta e seleção de informações. Ela serve como um ponto de convergência onde teoria e prática se encontram, o que permite que os professores contextualizem o conhecimento às suas realidades existenciais. É um processo que se assemelha à arte.

O ato de curar o conhecimento não é simplório ou aleatório, é complexo, não do ponto de vista de difícil, mas integrador. É uma ação carregada de subjetividade. Cada informação selecionada emerge das vivências e produções subjetivas de quem cura, sendo fruto de uma profunda conexão com suas experiências. É um exercício que requer discernimento, consciência e, acima de tudo, compreensão estética e ativa do mundo ao redor.

Para além de selecionar conteúdos, realça-se na curadoria de conhecimento a importância de combinar e interpretar as informações. Combinar não é apenas sobre colocar informações juntas, mas é tecer conexões significativas e fazer recortes que realcem a força das ideias do professor. A interpretação, por sua vez, é um convite à exploração contínua de significados, que sugere uma imersão contínua na busca pelo entendimento.

No infográfico a seguir apresentamos um passo a passo como fazer curadoria de conhecimento.

CURADORIA DO CONHECIMENTO

A criatividade em favor da aprendizagem

O reconhecimento dos estudantes como sujeitos que aprendem

Veja como fazer



1 ESCOLHA O TEMA

O primeiro passo é escolher um tema. Lembre!

Mais que conteúdo, o importante é seu valor, o significado para quem faz a curadoria a partir das suas necessidades, desejos e interesses.

Uma maneira interessante é também apresentar uma problematização, onde os estudantes busquem, por meio da curadoria, a solução.



2 PESQUISA

As informações não caem do céu, é preciso garimpar, pesquisar...

Permita que seus alunos definam, de modo autônomo, o seu próprio entendimento sobre o tema proposto. Eles precisam reunir informações que estejam dentro do que entendem sobre o tema. Permita que construam o seu conceito e a partir disso façam a pesquisa. Dê exemplos de plataformas para que eles armazenem suas pesquisas. Por exemplo: ScoopIt, Google Suites...

Lembre! Curadoria não é exercício de sanar a curiosidade com informação, é o exercício de transformar a informação em conhecimento.

Alguns exemplos de onde se pode pesquisar:

- Ebooks e Guias.
- Artigos, Estudos, Relatórios e Estatísticas.
- Blogs e Posts em Redes Sociais.
- Apresentações, Listas, Tutoriais e Webinars.
- Vídeos, Diagramas e Infográficos.



3 SELEÇÃO

Diante de tantas informações, é preciso que os estudantes escolham o que faz sentido para eles. A seleção não é aleatória e a escolha da informação está relacionada ao que chama a atenção deles. É um processo pessoal, ligado à mobilização das emoções, as quais emanam no momento de fazer a curadoria.

4 COMBINAÇÃO



É hora de fazer a combinação.

É provável que eles tenham colhido inúmeras informações. Combinar é fazer recortes dentro do que foi selecionado, relacionado ao ponto de vista dos estudantes. É o momento que eles podem mostrar a força das suas ideias. É a seleção da seleção, de acordo com o que eles acham mais importante.

5 INTERPRETAÇÃO



A interpretação não é uma mera resposta ao tema proposto do processo didático. É o momento que os estudantes dizem a sua palavra, o entendimento deles sobre o tema.

Permite a eles irem além dos conceitos previamente estabelecidos e circunscrevê-los da sua forma, transcendendo o que está posto de acordo com sua liberdade de criar.

É o momento de humanizar o conteúdo e colocar o seu ponto de vista. Não é o mesmo que "copiar e colar". Mesmo que os discentes compartilhem um *link* para um artigo ou um *blog*, é importante incluir seus comentários. O que te chamou a atenção nessa informação? Qual a importância para eles? Qual a sua relação com a vida cotidiana?

Aqui vale mencionar também que dentro da curadoria existe a possibilidade de transformar o formato como a informação se apresenta. Por exemplo, se os estudantes leram uma pesquisa sobre determinado assunto, podem organizar as estatísticas em um infográfico...

Ou seja, os estudantes estarão um passo além. Não apenas compartilham determinado *link*, mas criam sua própria informação, tendo como ponto de origem outra informação.

6 COMUNICAÇÃO



Nada vale uma moeda de ouro no fundo do mar.

Incentive os estudantes a comunicarem suas ideias e assegurar que outras pessoas tenham acesso, uso, reuso....

Dê um *feedback*, sem determinar interpretações, mas os equivocados podem (e devem) ser questionados com outras problematizações.

Lembre! A Curadoria permite o convívio que exige sensibilidade inteligente e inventiva para criar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vista diversos, valorizar as diferenças.

Um exemplo de formação docente com foco na mobilização de recursos subjetivos dos professores: como a formação foi realizada

A seguir, compartilhamos um infográfico que destaca a abordagem adotada durante a formação dos professores, a qual foi realizada no âmbito da pesquisa. Escolhemos aleatoriamente o tema “currículo” por se tratar de uma formação com professores de várias áreas do conhecimento e assim a temática passou a ser comum a todos. É muito importante considerar que esse recurso visual serve unicamente como uma ilustração representativa de nossa metodologia, destacando o compromisso com a diversidade e a singularidade presentes em cada etapa desse processo formativo.

É importante levar em consideração que nossa concepção de formação docente não se limita a um processo linear e predeterminado, mas, sim, a um processo recursivo (por várias vezes tivemos que retroceder para compreender os desejos dos professores). Reconhecemos a natureza dinâmica e interconectada da educação, onde as experiências e os aprendizados se entrelaçam em uma teia complexa. Portanto, desestimulamos enfaticamente a utilização desse infográfico como um “modelo” fixo, pois buscamos incessantemente uma formação que transcenda abordagens prontas e acabadas.

Nosso empenho deve estar sempre pronto a buscar uma formação docente que vá além de padrões prontos e acabados, além de reconhecer a singularidade de cada professor e de cada contexto. Acreditamos firmemente que a padronização, particularmente no âmbito da formação de professores, impede a expressão autêntica da individualidade e limita a construção de caminhos alternativos e autorais que são fundamentais para a promoção da mobilização subjetiva. Focamos, portanto, numa formação de professores que estimule cada educador a ser produtor de conhecimento. Diferentemente do que comumente ocorre nas formações tradicionais, onde os professores são frequentemente posicionados como reprodutores do conhecimento já produzido por outros, buscamos condições para que eles sejam criadores ativos e reflexivos no desenvolvimento humano. Dessa forma, reforçamos que esse infográfico serve como um registro visual de nossa abordagem, mas a ênfase continua na flexibilidade, no diálogo e na adaptação a cada realidade educacional única.

Foram feitas anotações sobre desejos, desafios, perspectivas, contradições, etc. de cada um dos professores pelo formador. Essas informações eram importantes para serem usadas em outros momentos, gerando diálogos conflitantes sobre eles e suas práticas.

Não se trata de um momento final, mas de abertura para novas possibilidades de formação.

É importante compreender o sentido da curadoria, pois isso está intimamente relacionado às crenças e aos desejos de cada um dos professores, o que tem relação com suas escolhas.



Complexidade na formação para professores: pontos de atenção

Apesar de a formação para professores ser um tema que vem se discutindo há décadas, não tem ganhado avanços significativos. O indicativo para essa questão é a própria insatisfação da classe, bem como a apatia por parte dos alunos em relação à escola. Por esse motivo, insistimos na necessidade de incluir a dimensão subjetiva dos professores no processo de sua formação. As formações com centralidade nos conteúdos e nas metodologias que desprezam ou secundarizam a capacidade criativa e criadora do professor, que neutralizam a dimensão ontológica, não têm dado resposta aos problemas complexos da educação e da multidimensionalidade da realidade.

É urgente se pensar numa formação para professores que una a dimensão cognitiva com a dimensão biofísica e subjetiva. A escola é por si um grande campo dialógico onde as ações e relações acontecem, onde os confrontos são existentes e que nos desafiam a todos os instantes. Precisamos, portanto, em vez de focarmos apenas nos eventos e comportamentos isolados, que podem nos levar a uma visão fragmentada, voltar nossa atenção para as configurações subjetivas que emergem dessas interações. São essas configurações que se manifestam de maneira complexa em nossa prática pedagógica.

Os programas de formação profissional dos professores, em todos os níveis, devem integrar processos e desafios da prática educativa, que favoreçam o desenvolvimento subjetivo, unido à ampliação de sua cultura em disciplinas concretas. Só quando o conhecimento configura-se subjetivamente no espaço da prática profissional pode ser usado como recurso criativo na prática pedagógica, para engajamento subjetivo dos próprios alunos, única forma de superar o formalismo reprodutivo ainda dominante em todos os níveis de ensino (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2019, p. 39).

As incongruências que detectamos a partir de uma formação

Como já falamos, durante três meses submetemos um grupo de professores a um processo formativo diferenciado por meio da Curadoria de Conhecimento, cujo tema central foi o Currículo na Educação Científica e Tecnológica.

Parece que descobrimos o óbvio, mas até o óbvio precisa ser dito se pretendemos mudar de direção. Destacamos, assim, alguns pontos importantes observados:

Desenvolver a docência no professor formativo é um exercício de tensionamento que possibilita quebrar ciclos e paradigmas, inovar, construir e desconstruir a si mesmo no fluxo contínuo de novos sentidos subjetivos produzidos na própria experiência vivida. Os sentidos subjetivos produzidos geram novas bases simbólico-emocionais ampliando as possibilidades de desenvolvimento subjetivo (ROSSATO; ASSUNÇÃO, 2019).

1. Abordagem da Formação de Professores

Tradicionalmente, a formação de educadores tem se concentrado na transmissão de técnicas pedagógicas e conteúdo disciplinar. No entanto, à medida que as salas de aula se tornam mais diversas e a tecnologia desempenha um papel crescente na educação, surge a necessidade de reformular a abordagem da formação de professores.

2. Teoria da Subjetividade e sua aplicação

A Teoria da Subjetividade oferece um quadro conceitual que permite compreender como os professores produzem sentidos subjetivos a partir das vivências na formação. Essa teoria destaca a subjetividade como uma dimensão complexa e dinâmica na maneira como os educadores se relacionam com o conhecimento. A formação de professores não é um processo linear; ao contrário, eles trazem consigo trajetórias pessoais, valores, representações simbólicas e emoções que se manifestam de maneira multifacetada em sua prática pedagógica.

3. Resultados da análise da configuração subjetiva

A análise das crenças e percepções dos professores em relação ao tema que foi trabalhado (o currículo) revelou um fenômeno complexo. O currículo é frequentemente considerado um guia estrutural de caráter estático e rígido. Percebemos que os professores subjetivaram o currículo, relacionando-o a diretrizes com tarefas a serem cum-

pridas e conteúdos a serem transmitidos, em vez de orientações flexíveis que definem a aprendizagem com base nas necessidades individuais e contextos culturais dos envolvidos no processo.

4. Reflexões sobre a Configuração Subjetiva dos Professores

Percebemos também a influência de crenças arraigadas sobre educação, que foram internalizadas pelos professores no decorrer de suas jornadas formativas e carreiras. Essas crenças podem estar enraizadas na tradição, na cultura institucional ou em experiências passadas relacionadas ao ensino como um processo simples de transmissão vertical. Como resultado, os professores limitam sua capacidade de inovar e adaptar suas práticas para atender às mudanças na sociedade e no cenário educacional, e quando fazem alguma adaptação ela estará ligada a tais crenças.

5. Desenvolvimento do Processo Formativo: Abordagem da Curadoria de Conhecimento

A Curadoria de Conhecimento é concebida como abordagem diferente de formação de professores e implica uma mudança de perspectiva, afastando-se da transmissão unilateral de informações para a criação de ambientes de aprendizagem dinâmicos e personalizados. Nesse contexto, os professores não são apenas receptores passivos de informações, mas curadores ativos que selecionam, interpretam e adaptam o conhecimento para atender às suas necessidades.

6. Resultados e Impactos da Formação

A implementação da formação embasada na curadoria de conhecimento teve impactos significativos. Os professores começaram a visualizar o currículo de maneira mais holística e contextualizada. Eles passaram a reconhecer que o currículo pode ser uma ferramenta para promover uma aprendizagem mais profunda e significativa, que integra elementos da vida cotidiana e aborda questões relevantes da sociedade.

7. A Relação entre Reflexão, Emoção e Mudança Subjetiva

Uma descoberta importante foi a interconexão entre a reflexão orientada pela teoria, as emoções e as mudanças subjetivas dos professores. Apenas questionar as crenças existentes não é suficiente para promover transformações significativas na prática docente. A reflexão precisa ser acompanhada por uma exploração das emoções associadas a essas crenças. Isso envolve um processo profundo de autoconsciência, que permite que os professores identifiquem as origens emocionais de suas crenças e desenvolvam novas perspectivas mais alinhadas com uma abordagem flexível e inclusiva da educação.

8. Construção de Novos Recursos Subjetivos

Compreendemos que a formação de professores não deve ser apenas sobre fornecer técnicas instrucionais, mas também sobre gerar recursos subjetivos neles. Esses recursos incluem a capacidade de questionar crenças arraigadas, adaptar-se a novos contextos e abordagens, bem como criar ambientes de aprendizagem que considerem a indissociabilidade do aspecto cognitivo e o emocional. Os professores podem se tornar sujeitos ativos na construção de culturas educacionais mais abertas, dinâmicas e adaptáveis.

9. Transformando a Aprendizagem e a Prática Docente

Descobrimos que há necessidade de uma transformação mais profunda na maneira como os professores percebem seu papel e sua relação com o conhecimento. A formação por meio da curadoria de conhecimento e na reflexão emocional pode desempenhar um papel fundamental nessa transformação. Os educadores podem se tornar mediadores entre o conhecimento formal e a realidade vivida, ajudando a construir pontes significativas entre os dois.

10. Rumo a uma educação humanizadora

Em um panorama educacional em constante evolução, é essencial que a formação de professores evolua para acompanhar as mudanças sociais, tecnológicas e culturais, mas considerando os professores como central na promoção dessas evoluções. Assim, é imperativo destacar a importância de considerar a subjetividade dos professores como um fator crítico na formação. Pela curadoria de conhecimento, o professor sentiu-se aprendiz, ação que em conjunto com a reflexão fez emergir o emocional como uma maneira promissora de promover mudanças subjetivas. Como consequência, a evolução de práticas educacionais humanizadoras. A educação do futuro deve ser construída sobre uma base sólida de professores capacitados não apenas em técnicas pedagógicas, mas também na compreensão profunda de como a subjetividade influencia o processo educativo.

As transformações encontradas

Destacamos aqui evidências que constatamos das várias mudanças subjetivas observadas e analisadas após o processo formativo dos professores. Tais mudanças estão diretamente relacionadas à implementação da curadoria de conhecimento como uma metodologia inovadora na formação docente. Aqui estão algumas das principais mudanças subjetivas identificadas:

[...] o diferencial da ação pedagógica não está nas estratégias instrumentais e operacionais em si, mas na maneira como estas vão ser desenvolvidas no modo singular de funcionamento de cada turma, modo que se organize articulado à configuração subjetiva emergente da relação entre professora e estudantes (MADEIRA-COELHO *et al*, 2019, p. 86).

1. Reconfiguração da Visão do Currículo

Inicialmente, os professores concebiam o currículo como um documento instrumental, um guia para o ensino. No entanto, por meio da reflexão profunda e do envolvimento emocional com o conteúdo, os professores passaram a reconhecer o currículo como uma representação simbólica do social e uma ferramenta de construção de cultura. Isso permitiu que eles transgredissem o determinismo do currículo e buscassem maneiras mais abertas e inclusivas de abordar os conteúdos.

2. Conexão entre Emoções e Aprendizagem

Os professores começaram a perceber a importância das emoções na aprendizagem. A partir da reflexão e da implicação emocional, eles entenderam que o aprendizado não é um processo meramente cognitivo, mas está intrinsecamente ligado às emoções e à criação de recursos simbólico-emocionais. Essa compreensão levou-os a reconhecer a necessidade de engajamento emocional em sua própria aprendizagem e na criação de situações de aprendizado envolventes.

3. Valorização da Singularidade

A metodologia de curadoria de conhecimento valorizou a singularidade de cada professor, além de permitir que eles se tornassem protagonistas de sua própria aprendizagem. Isso contrastou com formações tradicionais, onde a ênfase estava na transmissão de informações padronizadas. Os professores perceberam que suas experiências individuais e perspectivas eram cruciais na construção de sentidos subjetivos.

4. Desestabilização de Crenças Limitadoras

Por meio da reflexão profunda e do questionamento de suas crenças, os professores foram capazes de desestabilizar crenças limitadoras que os impediam de explorar novas abordagens pedagógicas. Eles começaram a considerar alternativas à abordagem tradicional e a abrir espaço para estratégias mais criativas e flexíveis.

5. Empoderamento e Autonomia

Ao se envolverem ativamente com a curadoria de conhecimento, os professores sentiram-se empoderados e mais autônomos em relação ao próprio processo de aprendizagem. Eles experimentaram a capacidade de criar seus próprios caminhos de compreensão e desenvolveram a confiança para tomar decisões educacionais apoiadas em suas experiências e reflexões.

6. Ampliação do Foco Pedagógico

Os professores, ao vivenciar a curadoria de conhecimento, expandiram sua visão sobre a educação para além do aspecto técnico e disciplinar. Eles passaram a considerar aspectos culturais, espirituais, emocionais e sociais na educação, reconhecendo a importância de abordagens mais holísticas e abrangentes em sua prática pedagógica.

7. Transcendência do Determinismo Social

A experiência da curadoria de conhecimento permitiu aos professores transcenderem o determinismo social e educacional, encontrando espaço para criar caminhos alternativos e autorais em sua prática. Eles passaram a compreender que sua ação docente podia ser moldada por escolhas conscientes e fundamentadas, em vez de serem simples executores de normas e padrões.

8. Conexão entre Teoria e Prática

A metodologia de curadoria de conhecimento incentivou os professores a construir pontes entre teoria e prática. Eles perceberam que a construção de sentido subjetivo envolve não apenas a compreensão teórica, mas também a aplicação prática que está enraizada em suas próprias experiências.

Essas mudanças subjetivas foram resultantes da combinação de reflexão profunda, implicação emocional, revisão de crenças limitadoras e envolvimento ativo na construção do conhecimento. A curadoria de conhecimento como uma abordagem pedagógica trouxe à tona uma nova perspectiva de formação de professores, centrada na mobilização de recursos subjetivos.



Fonte: Quino (2008)

Uma nova perspectiva para a formação de professores da educação científica e tecnológica

Uma formação docente com foco na mudança subjetiva dos professores deve ser projetada de modo abrangente e cuidadoso, buscando promover transformações profundas na maneira como os professores percebem a educação, sobretudo, como eles percebem-se nela e sua relação com a própria prática pedagógica.

Aqui estão importantes pontos a serem considerados:

1. Reflexão e Autoconsciência

É preciso fazer com que os professores reflitam sobre suas crenças, valores, experiências pessoais e trajetórias educacionais por meio de atividades que os levem a se conhe-

O resgate do sujeito que pensa, que substitui a compreensão do pensamento como “fluxo que se pensa a si mesmo” é criticada por Vygotsky em *Pensamento e Linguagem*, e permite um avanço na representação desse sujeito como gerador de alternativas, de sentidos subjetivos e de ideias no processo de aprender. O aprender pode, desse ponto de vista, passar a ser compreendido como produção e não como reprodução, o que representa uma mudança radical nas formas em que a aprendizagem está institucionalizada hoje em todos os níveis da instituição escolar, inclusive no nível superior (GONZÁLEZ REY, 2009, p. 133).

cerem melhor e a entenderem como suas perspectivas individuais influenciam sua abordagem pedagógica.

2. Implicação Emocional

A formação deve focar a criação de oportunidades para que os professores se envolvam emocionalmente no processo de aprendizado. Isso pode envolver a exploração de suas próprias emoções em relação aos conteúdos e à prática pedagógica, permitindo-lhes reconhecer a importância das emoções na aprendizagem.

3. Valorização da Singularidade

Deve-se reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas dos professores por meio da promoção de um ambiente onde cada professor possa compartilhar suas experiências únicas e contribuir para a construção coletiva de conhecimento.

4. Questionamento e Desestabilização de Crenças

As atividades devem voltar-se ao encorajamento dos professores quanto ao questionamento de suas crenças e condição de assumirem uma postura crítica em relação às abordagens pedagógicas tradicionais. As reflexões que emergem dessas atividades ajudam-nos a identificar crenças limitadoras que podem afetar sua prática e a explorar alternativas.

5. Empoderamento e Autonomia

Deve-se levar os professores a assumirem a responsabilidade por sua própria aprendizagem e desenvolvimento profissional. Isso pode envolver seus próprios interesses por tópicos ou assuntos, a definição de metas pessoais (e não do programa) e a busca por recursos que ele consideram relevantes.

6. Conexão Teoria-Prática

É importante que os professores sejam incentivados a integrar o que aprendem na formação com a prática docente, ou seja, incentivar os professores a aplicarem seus conhecimentos em contextos reais de sala de aula. Isso ajuda a fazer conexões significativas entre os conceitos teóricos e suas aplicações práticas.

7. Envolvimento Ativo

Os professores devem se envolver em atividades que produzam e criem conhecimento, de modo a levá-los a entender que a produção é o que tem importância em relação à reprodução. Isso valoriza a construção contínua de significados e sentidos, considerando a singularidade, as relações, os afetos e o seu protagonismo no próprio processo de desenvolvimento.

8. Ampliação do Foco Pedagógico

Além dos aspectos técnicos e disciplinares, devem ser explorados temas relacionados à cultura, diversidade, emocionalidade, espiritualidade e outras dimensões relevantes

para a educação integral. Inclusive isso leva os professores a perceber que os conteúdos da sua disciplina são importantes, mas têm importância maior quando eles se conectam com as outras dimensões da vida.

9. Metodologias diferentes

A curadoria de conhecimento é um recurso que promove a reflexão, a interação emocional e a criação de sentidos subjetivos.

10. Contextualização

O professor precisa reconhecer e levar em consideração o contexto específico em que atua, adaptando a formação para abordar desafios e necessidades locais.

11. Avaliação Reflexiva

É importante integrar momentos de avaliação reflexiva no decorrer do processo de formação, socializando sempre que possível com os demais participantes. Uma avaliação que eles evidenciem seu próprio progresso e dificuldades. Isso é importante para fazê-los perceber que a avaliação é um processo pessoal e não um processo que mede o outro.

12. Colaboração e Compartilhamento

A formação deve disponibilizar espaços para que os professores possam colaborar, compartilhar ideias, sucessos e desafios. A construção coletiva de conhecimento promove uma sensação de comunidade e apoio mútuo.

13. Foco na Transformação Social

O princípio da formação com foco na mudança subjetiva é fazer com que os professores se percebam como sujeitos ativos da transformação social por meio da educação. Eles devem ser incentivados a refletir se suas próprias práticas podem contribuir para uma educação mais inclusiva, equitativa e socialmente responsável.

14. Mudança Sustentável

Deve-se reconhecer que a mudança subjetiva é um processo contínuo e gradual.

Ao incorporar esses pontos em um programa de formação docente, será possível promover mudanças subjetivas significativas nos professores, dotando-os de capacidade para abordagens mais reflexivas, engajadas e alinhadas com uma educação autêntica e transformadora. Ainda, à luz da Teoria da Subjetividade, a formação para docentes na perspectiva humanizadora deve atentar para:

1. Natureza Subjetiva da Aprendizagem e do Ensino:

Por meio da teoria da subjetividade reconhecemos que a formação do professor começa muito antes da escolha profissional. Os indivíduos, no decorrer de suas vidas, constroem uma multiplicidade de sentidos e significados a partir de suas experiên-

cias, emoções e interações sociais. No contexto educacional, isso implica que cada professor carrega consigo um repertório único de vivências, que influencia diretamente sua abordagem pedagógica. Não se pode desconsiderar a subjetividade quando se pensa em práticas pedagógicas eficazes.

2. Formação integrada e reflexão prática

Por meio da teoria da subjetividade ressalta a importância de uma formação que vá além do conteúdo disciplinar. Não é suficiente que um professor saiba o conteúdo; é vital que ele saiba como esse conteúdo se relaciona consigo e com o contexto mais amplo do seu meio social e cultural. Reflexões sobre a prática, autoestudos e a consideração da escola como um espaço para aprendizado contínuo são componentes essenciais.

3. Configuração Subjetiva do Conhecimento

O ensino não é uma mera atividade mecânica; é profundamente enraizado na subjetividade do professor. Quando se imbrica o conhecimento com as experiências e emoções pessoais do professor, mobilizam-se recursos subjetivos que o fazem superar o formalismo reprodutivo na educação. A formação de professores deve, portanto, focar a integração de experiências subjetivas.

4. Colaboração Institucional e Desafios Práticos

A subjetividade não é apenas uma construção individual, mas profundamente imbricada pelo contexto social e cultural. Isto é, os indivíduos formam sua subjetividade a partir das experiências, interações e significados que se desenrolam em seus contextos sociais. Aplicando isso ao desenvolvimento profissional dos professores, a colaboração e o engajamento institucional assumem um papel primordial. Em um ambiente educacional, os professores não operam isoladamente, mas interagem com colegas, gestores, alunos e toda a comunidade escolar. Essas interações, e o grau de engajamento e colaboração entre os diferentes atores, têm impacto direto na subjetividade dos professores e, conseqüentemente, em sua autoformação e desenvolvimento profissional.

5. Aprendizagem como Processo de Mudança de Desenvolvimento Subjetivo

Com base na teoria da subjetividade, é essencial reconhecer que a aprendizagem é um processo de desenvolvimento contínuo. A integração da imaginação e criatividade nos processos intelectuais permite que os professores, enquanto aprendizes num curso de formação, gerem práticas profissionais inovadoras. O foco da formação profissional, enquanto espaço de aprendizagem, deve estar centrado nas mudanças que podem levar ao desenvolvimento subjetivo dos professores.

Últimas palavras

No contexto contemporâneo, quando estamos imersos em uma cultura digital e com constante fluxo de informações, é importante que os professores sejam levados a mergulhar em reflexões profundas sobre si e sobre sua prática pedagógica.

Por meio da teoria da subjetividade podemos compreender que a aprendizagem não é um mero processo racional e mecânico, mas uma intrincada trama de elementos simbólicos e emocionais. Para um professor, a forma como ele internaliza e reflete o conhecimento não está apenas ancorada em metodologias e estratégias, mas entrelaçada com suas emoções, crenças, vivências e toda a complexidade que constitui sua subjetividade.

Nesse cenário de formação para professores que atuam na Educação Científica e Tecnológica, a curadoria de conhecimento emerge como uma possibilidade metodológica rica e promissora para mobilização de recursos subjetivos, pois em uma era de cultura digital, onde a informação é vasta e muitas vezes efêmera, o ato de curadoria não é apenas selecionar, mas infundir significado e conectar a informação à realidade vivida. Esse processo permite ao professor produzir sentidos subjetivos, pois, ao escolher o que é relevante, ele está, intrinsecamente, refletindo e se implicando emocionalmente consigo mesmo e com sua ação pedagógica. A curadoria de conhecimento, portanto, vai além da seleção, já que é um ato reflexivo que pode auxiliar os professores a conectarem-se mais profundamente com seu propósito e sua prática.

Assim, para uma formação docente, especialmente para a Educação Científica e Tecnológica, é essencial reconhecer e integrar a subjetividade dos professores na complexidade do processo educacional. A Teoria da Subjetividade oferece uma visão profunda e holística dessa dinâmica, sublinhando a interconexão entre experiência, prática e desenvolvimento. Essa perspectiva convida-nos a conceitualizar e revitalizar a educação, tornando-a mais inclusiva, reflexiva e transformadora, sempre com o objetivo de humanizar o aprendizado no cenário atual dominado pela ciência e tecnologia.

Notas

(1) CACHAPUZ *et al.* (2001); FOUREZ (2003); POZO; CRESPO (2009); MORAES (2015).

(2) PÉREZ GÓMEZ (2015).

(3) CONTRERAS (2002); SHON (2000).

(4) ROSSATO; ASSUNÇÃO (2019).

(5) GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ (2017).

(6) MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY (2019).

(7) GONZÁLEZ REY (2005).

(8) SOUZA; CAMAS (2023).

(9) MORAES (2015).

(10) GONZÁLEZ REY (2007).

Referências

CACHAPUZ, A.; PRAIA, J.; ALIS, J. C.; GIL PÉREZ, D.; TERRADIS, I. M. A emergência da didática das ciências como campo específico de conhecimento. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 1, p. 155-195, 2001.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.

FOUREZ, G. Crise no ensino de ciências? **Revista Investigações em Ensino de Ciências**, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. *In*: GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade, complexidade e pesquisas em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 24, pp. 155-179, 2007.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTINEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. *In*: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A.

(org.). **Formação de educadores e psicólogos**: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórico. Curitiba: Appris, 2019.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

MORAES, M. C. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação**: fundamentos ontológico e epistemológico. Colaboração Juan Miguel Batalloso Navas. Campinas: Papyrus, 2015.

PÉREZ GÓMEZ, Á. I. **Educação na era digital**: a escola educativa. Trad. Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. Trad. Naila Freitas. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

QUINO. **Toda Mafalda**: da primeira à última tira. 10 reimpr. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROSSATO, M.; ASSUNÇÃO, R. O desenvolvimento subjetivo no processo da formação docente. *In*: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A. (org.). **Formação de educadores e psicólogos**: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórico. Curitiba: Appris, 2019.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo *design* para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUZA, F. R. A.; CAMAS, N. P. V. A Curadoria de Conhecimento como base para uma Educação Científica e Tecnológica humanizadora no contexto da cultura digital. **Caderno de pesquisa pensamento educacional**, v. 18, n. 48, p. 36-54, 2023.